

APRESENTAÇÃO

Caros leitores,

Tenho a grata satisfação de apresentar a edição do segundo número de 2016 da Revista Educação Especial em Debate vinculada ao Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação Especial (NEESP) da Universidade Federal do Espírito Santo. Esta edição está composta de oito artigos de pesquisadores que têm se dedicado à investigação no campo da Educação Especial. Os artigos apresentam contribuições para debates em torno de temáticas vinculadas aos processos de inclusão dos alunos público-alvo da educação especial, abordando questões relacionadas à formação de profissionais da educação, ao direito aos processos educativos escolares, bem como a aspectos vinculados à prática pedagógica e ao cotidiano da sala de aula e da escola.

No primeiro artigo, intitulado “Formação docente na pós-graduação: apontamentos sobre uma experiência na área de educação especial”, Rita de Cássia Barbosa Paiva Magalhães e Ivone Braga Albino analisam uma experiência de Docência Assistida ocorrida na disciplina “Educação Especial em uma Perspectiva Inclusiva”, ofertada no Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Problematizam em suas análises o ensino de pós-graduação *stricto sensu* na função de formar docentes para o ensino superior.

A temática “formação de professores” também é trabalhada no segundo artigo de autoria de Eula Amorim Sanglard Lopes e Marileide Gonçalves França, com o título “Formação continuada de professores de educação especial no município de Cariacica: dilemas e possibilidades”. As autoras buscam discutir a formação dos professores de educação especial, pela via do processo de formação continuada, oferecido pelo sistema municipal de ensino de Cariacica, no estado do Espírito Santo.

Enredamentos da educação especial ao direito à educação é o tema trabalhado no terceiro artigo, por Maria Dorotéa dos Santos Silva Trassi e Angela Maria Caulyt Santos da Silva. Abordam a temática da Educação Especial numa perspectiva inclusiva, focalizando o Atendimento Educacional Especializado (AEE) para crianças com Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD), no início

da vida escolar. Ainda fazem recorte dos aspectos históricos da Educação Especial para focar o tratamento dispensado às pessoas com algum tipo de deficiência em relação aos padrões de normalidade estabelecidos pela sociedade.

Já no quarto artigo, visando estudar os movimentos de fundação de duas instituições que contribuíram para a organização da educação especial no Brasil, Fabiana Alvarenga Rangel e Márcia de Oliveira Gomes focalizam o Instituto Benjamin Constant e o Instituto Nacional de Educação de Surdos no artigo intitulado “Da fundação e dos primórdios das primeiras instituições especializadas públicas no Brasil”. Nesse artigo, as autoras procuram compreender as políticas e práticas educacionais que permearam o processo de criação e funcionamento dessas instituições, tomando por base os Decretos e outros documentos que as regulamentam. Assim, vislumbram uma análise sobre os elementos que abrangeram a escolarização formal de pessoas cegas e de pessoas surdas nessas duas instituições.

No quinto artigo, ao discutirem os aspectos do processo de escolarização e de avaliação de uma criança com Síndrome de Asperger na escola regular, Ivanete Borges de Barros e Renata Imaculada de Oliveira Teixeira apresentam como objetivo identificar aspectos do percurso escolar desse público, bem como focalizar os processos de avaliação no contexto escolar.

Wagner Kirmse Caldas, no sexto artigo, intitulado “O professores e a tecnologia computacional na sala de recursos multifuncional: suas práticas e compreensões”, objetiva apresentar o olhar do professor de educação especial, que trabalha nas salas de recursos multifuncionais, sobre as tecnologias computacionais que existem nesses espaços. Faz, então, uma análise das narrativas dos professores que participaram dos grupos focais do Observatório Nacional de Educação Especial (ONEESP), argumentando sobre a importância da utilização dos recursos computacionais aliados ao conhecimento pedagógico, de forma a poder usar esses instrumentos como ferramentas de apoio ao processo de ensino-aprendizagem dos alunos público-alvo da educação especial.

Gilda Rodrigues Cezário, Patrícia Santos Conde e Sonia Lopes Victor analisam as concepções de professores de educação especial sobre a tecnologia assistiva, e suas contribuições ao atendimento educacional especializado. Nesse sétimo artigo, as autoras evidenciam avanços, mesmo que tímidos, em relação

ao conhecimento e ao uso de recursos de Tecnologias Assistivas, pela maioria dos participantes da pesquisa. Apontam, ainda, a existência de um estreitamento da relação entre professor de ensino regular e professor do Atendimento Educacional Especializado, bem como o interesse e a disposição do professor em aprender. Destacam, contudo, que obstáculos permanecem na prática profissional, como, por exemplo, a dificuldade do professor em planejar e avaliar o uso dessas tecnologias no AEE.

Finalizando a apresentação desta edição da Revista Educação Especial em Debate, na sequência, temos o oitavo artigo de autoria de Maria Amélia Barcellos Fraga e Sumika Soares de Freitas. Discutindo a temática “Inteligência, Criatividade e Superdotação: contribuições da perspectiva histórico-cultural”, as autoras objetivam no texto abordar alguns aspectos históricos e conceituais que têm perpassado o debate sobre essa temática, bem como destacar contribuições da perspectiva histórico-cultural nesse processo. A partir dessa perspectiva, destacam a influência do ambiente e da cultura no desenvolvimento de processos superiores de pensamento e de criação, e apontam que estas influências são muito relevantes no processo de identificação de alunos nas altas habilidades/superdotação, bem como na implementação de programas de enriquecimento curricular para eles. Um olhar mais atento sobre esses estudos indica que o debate travado entre diferentes concepções de superdotação acentua a complexidade deste objeto de estudo, o que ressalta a necessidade de uma compreensão cada vez mais holística e distanciada da visão unidimensional associada ao conceito de QI, mais evidenciada no início do século XX, nos estudos sobre inteligência.

Com a edição deste segundo número de 2016 da Revista Educação Especial em Debate, fizemos o esforço no sentido de contribuir e qualificar o debate no âmbito da educação especial e, ao mesmo tempo, construir caminhos no adensamento dos debates sobre temáticas relativas a esse campo de pesquisa.

Aproveitamos para agradecer aos pesquisadores que colaboraram com a nossa Revista na produção dos artigos que aqui estão disponíveis.

Desejamos a todos uma ótima e proveitosa leitura!

Edson Pantaleão

Universidade Federal do Espírito Santo